

Edição v. 42
número 2 / 2023

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 42 (2)
mai/2023-ago/2023

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

DOSSIÊ

Miúdos a Votos: quando literacia midiática e política se encontram

“Kids Voting”: When media and political literacies meet

JHONATAN MATA

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) –Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: jhonatanmata@yahoo.com.br
ORCID: 0000-0003-3908-5649

SARA DE MORAES BRIDI

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) –Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: sarademoraes@gmail.com
ORCID: 0000-0003-3151-3856

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MATA, Jhonathan; BRIDI, Sara de Moraes Miúdos a Votos: quando literacia midiática e política se encontram. Contracampo, Niterói, v. 42, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2023.

Submissão em: 01/04/2023. Revisor A: 01/08/2023; Revisor B: 01/08/2023; Revisor A: 02/08/2023. Aceite em: 08/08/2023.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v42i2.57940>

Resumo

Relatórios da União Europeia e Unesco que se debruçam sobre o tema da literacia midiática apresentam o desenvolvimento da consciência cidadã como uma de suas conseqüências. Entretanto, os mesmos relatórios (e outras pesquisas neste campo) apontam para um acelerado aprimoramento técnico, enquanto capacidades éticas e interpretativas permanecem em segundo plano. Neste aspecto, a literacia política pode se apresentar como estratégia para suprir tais falhas? O artigo proposto tem por objetivo responder a esta pergunta, ao analisar o projeto Miúdos a Votos, desenvolvido pela revista portuguesa Visão Júnior em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal. A iniciativa simula todo o processo eleitoral lusitano, trazendo obras literárias como “candidatos”. Em sua última edição, envolveu mais de 105 mil crianças e adolescentes de escolas do país. Serão examinadas as transmissões das apresentações finais das edições de 2021 e 2022 realizadas nas plataformas YouTube e Facebook, por meio da metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), apresentada por Coutinho (2016), combinada aos eixos de dimensões da competência midiática propostas por Mihailids (2014). Ao estudar esta experiência, espera-se encontrar apontamentos que indiquem caminhos para o desenvolvimento conjunto de competências midiáticas e políticas no contexto brasileiro.

Palavras-chaves

Literacia midiática; Literacia política; Cidadania; Eleições; Práticas pedagógicas.

Abstract

Reports from the European Union and UNESCO present the development of citizen awareness as one of media literacy consequences. However, the same reports (and other scientific research) point to accelerated technical improvement while ethical and interpretive capabilities remain in the background. Could political literacy present itself as a resource to overcome such failures? This article propose to answer this question by analyzing the “Kids Voting” project, developed by the Portuguese magazine Visão Júnior in partnership with the Network of School Libraries of Portugal. The initiative simulates the entire Portuguese electoral process, bringing literary works as “candidates”. The final presentations lives, in 2021 and 2022, on YouTube and Facebook will be examined, through the methodology of the Audiovisual Materiality Analysis (AMA), proposed by Coutinho (2016), combined with the “5A’s” of media literacy developed by Mihailids (2014). It is expected to find notes that indicate paths for the joint development of media and political skills in the Brazilian context.

Keywords

Media literacy; Political literacy; Citizenship; Elections; Pedagogical practices.

Introdução

Vidros estilhaçados por toda parte, cadeiras quebradas, quadros, esculturas e objetos históricos seculares vandalizados, armas, equipamentos e presentes diplomáticos roubados. Os poucos policiais legislativos que ousavam defender o patrimônio público sentiam o cheiro de fumaça se misturar ao de sangue, fezes, urina... Um cenário de completa devastação amplamente divulgado e celebrado em plataformas digitais pelos próprios autores do crime. Estavam lá, crenças em seu “patriotismo”, certos de suas fontes de informação, que poucos dias antes indicavam Augusto Heleno, ex-ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, como o verdadeiro presidente em exercício. Pediam “intervenção federal” e até aplaudiram sua chegada, sem compreender o significado do decreto. As cenas abissais da invasão da Praça dos Três Poderes, em Brasília, em 08 de março de 2023, denotam o quanto é urgente falar de literacia política e midiática no Brasil.

A diminuta capacidade ética e interpretativa vem sendo apontada em diversos relatórios e pesquisas que se debruçam sobre a literacia midiática em diferentes localidades do globo (GRIZZLE, 2016; UNIÃO EUROPEIA, 2018; 2020; BORGES e BARBORA, 2019). Muito se fala em cidadania enquanto um vácuo se forma em torno do desenvolvimento das habilidades políticas dos cidadãos. Ações de curto, médio e longo prazo precisam ser pensadas e postas em prática. Este artigo se propõe a trazer um sopro de esperança ao analisar, uma possibilidade nascida de terras portuguesas, que une cultura, mídia e política para ensinar crianças e adolescentes as premissas de um processo eleitoral: o *Miúdos a Votos*. Desenvolvido pela revista portuguesa *Visão Júnior* em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal desde 2016, a iniciativa simula todo o processo eleitoral lusitano, trazendo obras literárias como candidatas. Em sua última edição, envolveu mais de 105 mil estudantes de escolas do país e outros participantes falantes da língua de Camões.

Para examinar as produções do *Miúdos a Votos*, será utilizada como metodologia a *Análise da Materialidade do Audiovisual*, proposta por Iluska Coutinho (2016), combinada aos eixos de dimensões da literacia midiática desenvolvida por Paul Mihailids (2014). Antes, serão apresentados alguns caminhos trilhados pela desinformação e as possíveis saídas apontadas por John Dewey (1916), Paulo Freire (1968), Martín-Barbero (2014), Gabriela Borges e Márcia Barbosa (2019), que levam a expansão do que se entende tradicionalmente como literacia midiática.

mesmas. Os quilombos, por exemplo, às vezes se tornavam o signo da libertação nacional” (STAM, 1997, p. 318).¹ Mais importante, a filmografia anterior, no geral, toma o passado colonial e mesmo a violência da escravidão a partir de uma forma fílmica que não põe sob suspeita o regime de representação. Opta-se por um estilo narrativo clássico, pelo menos no que diz respeito a uma enunciação cujo privilégio é o da inteligibilidade em vez da opacidade, seja a dos meios, seja a do enredo narrado.

As obras citadas de Mattiuzzi, Ribeiro, Ney e Barreto situam-se, se não nos antípodas, numa posição sobremaneira distinta de tal filmografia nacional. Além da circunscrição sobre o corpo, anteriormente mencionada, a lida com o colonialismo não acontece sem, antes, pôr sob reavaliação a própria forma audiovisual, sem questionar-se sobre a possibilidade mesma de representação do passado numa diegese fechada. Nessas condições, *EVD*, *AMBFN* e *NM* partilham uma inclinação reflexiva e experimental. Embora as escolhas estéticas dependam tanto do formato de curta-metragem como de questões de produção, nossa hipótese é que respondem igualmente à difícil tradução da violência colonial, ao mesmo tempo em que são mobilizadas, tendo em vista as marcas coloniais no tempo presente. A fim de melhor delinear essa suspeita e o problema central do artigo, é necessário compreender como o passado histórico brasileiro é figurado pelas obras sob os contornos do trauma.

¹ O estudo apresentado neste artigo é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), por meio do Projeto de extensão com interface em pesquisa Polijovem: construindo competências cidadãs.

Da ferida colonial às apropriações imaginativas da História

Como combater a desinformação? Para além da metalinguagem que pensa no processo comunicativo em si, é necessário começar a analisar os temas mais recorrentes nesse processo. Não se trata apenas de ignorar os princípios básicos que compõem uma notícia ou a diferença entre fato e opinião. Desinformação pressupõe desconhecimento. A utilização de notícias falsas em larga escala em processos eleitorais como pilar para crescimento mundial de uma nova direita tem sido apontada nos últimos anos por diversos pesquisadores como Giuliano Da Empoli (2019), Magali Cunha (2020) e Patrícia Campos Mello (2020). Um ponto em comum se repete em todos os lugares pesquisados – seja Itália, Brasil, Argentina ou Índia: há um grande acesso a plataformas digitais e um conhecimento simplório dos indivíduos não só quanto ao processo de construção de uma notícia, mas, principalmente, sobre o funcionamento das estruturas democráticas de seus respectivos países.

O que aconteceria se literacia política e midiática andassem juntas? Quanto menos ferramentas racionais o indivíduo tem acesso para lidar com a informação, mais ele acessa suas ferramentas emocionais. E se utiliza apenas da empatia como critério para avaliar se uma notícia é verdadeira ou enganosa, desvirtuando a noção de “estratégias sensíveis” proposta por Muniz Sodré e que se alicerçam na mobilização pelos afetos e no lucro afetivo que determinada produção pode gerar. John Dewey, em 1916, no livro *Democracia e educação*, já apontava a literacia política como uma habilidade necessária a ser desenvolvida desde a infância. Tal processo começaria pela compreensão do lugar do pensamento na experiência e compreensão resultante da relação entre o planejamento, as ações e as suas consequências sobre o coletivo. Anos mais tarde, Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, defenderia um processo de educação libertador e politizante, não mais no sentido de inculcar ideologias, e sim, com vistas à conscientização crítica do indivíduo de sua posição no processo histórico e cultural, por meio de um desenvolvimento dialógico e dialético, na qual as experiências e afinidades do aluno ganham tanta importância quanto os conhecimentos do professor.

Nesse aspecto, o universo simbólico que o indivíduo traz consigo deveria ser válido em qualquer idade. Para crianças e adolescentes, isso significa levar em conta o mundo midiático vivenciado pelos nativos do século XXI. Apesar de, sob os vários prismas sociais e econômicos, o acesso pleno à cultura multimídia não ser uma realidade para todos, crianças crescem a repetir bordões de memes, cantar as músicas trends do TikTok/Reels (mesmo que nem possuam um celular) e desejar uma camisa de seu herói Marvel favorito. O sonho de ser jogador de futebol no Brasil tem sido substituído pelo de ser influencer. E é nesse ponto que o baixo protagonismo das instituições de ensino no aprendizado sobre as mídias e a percepção pouco expressiva de ideologias e valores presentes em produtos de mídia notada em pesquisas realizadas no Brasil por Gabriela Borges e Márcia Barbosa (2019) se tornam, em longo prazo, um alerta potencialmente perigoso no campo político.

Um dos potenciais da literacia midiática “é aumentar o conhecimento sobre as diversas formas de mensagens midiáticas presentes na vida contemporânea e ajudar os cidadãos a compreenderem a forma como as mídias filtram percepções e crenças, formatam a cultura popular e influenciam as escolhas individuais” (BORGES e BARBOSA, 2019, p. 15). Entretanto, conforme relatam as pesquisadoras, apesar dessa necessidade ser apontada por estudiosos do tema e fomentadores de políticas públicas desde 1982, em busca de impulsionar, sistematizar e desenvolver ações de educação para a mídia, ações efetivas acontecem de forma desarticulada e desconectada.

Tal lacuna acaba por favorecer o envolvimento, especialmente de adolescentes, jovens e adultos, em grupos centrados em fundamentalismos e teorias da conspiração, que vão na contramão da liberdade (apesar de dizerem defendê-la), distorcendo princípios democráticos e constitucionais básicos. Muitos,

inclusive, apregoam, estrategicamente, o cerceamento de determinados temas em escolas (ou até mesmo o ensino domiciliar) sob o pretexto de proteger as crianças. Tais pressupostos forneceram as bases para movimentos como o Com mis Hijos no te Metas, na América Latina, e o Escola sem partido no Brasil, que acabaram por impedir avanços no Plano Nacional de Educação e auxiliaram no estagnamento do Ministério da Educação (CUNHA, 2020).

É nesse sentido que Jesús Martín-Barbero aponta para a necessidade de uma maior conexão entre os estudos da comunicação e da educação, partindo do pressuposto de uma compreensão mais ampla do que se entende por habilidade de leitura:

não significa, nem pode significar, a substituição de um modo de ler por outro, mas sim uma complexa articulação de uns e outros, da recíproca inserção de uns em outros, entre livros e quadrinhos, vídeos e hipertextos. Com tudo o que isso implica de continuidades e rupturas entre os muito canônicos modos de ler livros e os muito anárquicos modos de navegar textos. De um mínimo de continuidade e conversação entre eles vão depender em boa medida não só o futuro da civilização ocidental, mas o sentido social da vida e o porvir da democracia, que são as exigências feitas à educação para que seja capaz de formar cidadãos que saibam ler tanto jornais impressos como televisivos, videogames, vídeos e hipertextos (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 51-52).

É possível encontrar caminhos criativos para articular diferentes literacias e promover, neste percurso, o diálogo em meio ao dissenso, a percepção racional de valores e ideologias, a compreensão dos gatilhos emocionais presentes em diversos conteúdos, o respeito aos princípios democráticos. É a que se propõe o projeto Miúdos a Votos, objeto de estudo deste artigo, que será apresentado a seguir.

O prazer da leitura como potencial candidato

Quais os livros mais fixes² entre crianças e adolescentes portugueses? Uma pesquisa de opinião ou a verificação das obras infantojuvenis mais vendidas poderiam responder essa pergunta. Mas o projeto Miúdos a Votos encontrou uma forma interessante de chegar a esse resultado: um processo eleitoral completo. Desde 2016, a revista Visão Júnior, em parceria com a Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal (RBE) implementou essa iniciativa como atividade extracurricular no país. O projeto também é apoiado por vários órgãos governamentais: Ministério da Educação; Comissão Nacional de Eleições, responsável pelo processo eleitoral português; e o Pordata, base de dados estatísticos oficiais de Portugal.

As atividades simulam todas as etapas do processo eleitoral português: primeiro, os alunos indicam seus livros prediletos, em uma espécie de prévias eleitorais, período também que podem começar a se organizar em partidos. Os livros mais indicados de cada ciclo³ estudantil do Ensino Básico se tornam os candidatos. A edição de 2019 passou a incluir os alunos do Ensino Secundário, totalizando 4 pleitos. Determinadas as obras literárias participantes, os partidos podem começar a fazer propaganda eleitoral multiplataformas para promover seu livro, o que varia entre cartazes, passeatas, comícios, debates, performances artísticas, podcasts (que podem ser transmitidos pela Rádio Miúdos⁴ ou emissoras locais), sites, jogos, vídeos e divulgação de conteúdo em plataformas sociais digitais. Em 2021 também foi

2 O termo fixe no português falado em Portugal é usado para qualificar como "legal" objetos, pessoas, ações ou ideias.

3 Em Portugal, o ensino é dividido em Básico, Secundário e Superior. O nível Básico, que corresponderia ao Fundamental brasileiro, é subdividido em: 1º ciclo (1º ao 4º ano – dos 6 aos 9 anos de idade); 2º ciclo (5º e 6º ano – entre 10 e 11 anos); 3º ciclo (7º ao 9º ano – 12 a 14 anos). O Secundário, tal como o Ensino Médio brasileiro, compreende 3 anos (do 10º ao 12º ano – 15 a 17 anos).

4 A Rádio Miúdos é um empreendimento social, reconhecido pela Representação da Comissão Europeia em Portugal, que se propõe a produzir conteúdos audiovisuais (podcasts e vídeos) para crianças, enxergando-as como parceiras e coprodutoras na construção de sua programação. Iniciada em novembro de 2015, é uma rádio exclusivamente on-line, com emissão 24 horas/7 dias por semana. Outras informações disponíveis em: <https://www.radiomiudos.pt/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

introduzida a cobertura jornalística da campanha, realizada pela revista *Visão Júnior* com a participação de alunos-repórteres, que são treinados e apresentados aos “mesmos princípios éticos e deontológicos pelos quais se regem os jornalistas” (MIÚDOS, 2021).

Passado o período de campanha, acontece a votação, que obedece às mesmas regras das eleições políticas do país. As cédulas são fornecidas pela organização do *Miúdos a Votos* e podem ser impressas ou eletrônicas desde 2020. O voto ocorre simultaneamente, em um único dia, em todas as escolas participantes e é preferencialmente presencial (excetuando-se situações de emergência sanitária, como foi o caso da pandemia de covid-19). Os alunos desempenham as funções de mesários e escrutinadores, coordenados pela bibliotecária da escola. O resultado do escrutínio é comunicado à organização, que compila todos os dados para apresentar os resultados nacionais em uma cerimônia pública.

Apresentado o objeto deste estudo, passamos aos parâmetros que irão ajudar a analisar se e em que medida ele tem auxiliado no desenvolvimento da literacia midiática e política de crianças e adolescentes portugueses.

Uma análise da materialidade da literacia midiática

Dada a exiguidade do tempo e do espaço que limitam um artigo, esse estudo tomará por objeto de análise a transmissão dos resultados finais do *Miúdos a Votos* das edições de 2021 e de 2022. Nestes vídeos, disponibilizados respectivamente no canal da RBE no YouTube e na área de eventos da fanpage da revista *Visão Júnior* no Facebook, são apresentados, além dos livros vencedores, um balanço das ações realizadas pelos envolvidos, dados estatísticos do projeto e exemplos de iniciativas criativas realizadas por crianças e adolescentes durante a campanha eleitoral.

Para melhor compreender os elementos presentes nesse material, uma das ferramentas utilizadas será a Análise da Materialidade do Audiovisual (AMA), metodologia desenvolvida no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/ UFJF), sob coordenação de Iluska Coutinho. A AMA propõe uma avaliação integral do objeto, “texto + som + imagem + tempo + edição”, além de levar em conta elementos predecessores e sucessores a ele relacionados. Dessa forma, o caminho metodológico consistiria na “identificação do objeto empírico a ser investigado, e o estabelecimento de eixos e itens de avaliação tendo em vista as questões de pesquisa, o referencial teórico utilizado e ainda, mas não menos importante, os elementos paratextuais que se inscrevem em uma determinada materialidade audiovisual”. (COUTINHO, 2016, p. 10). Por esse motivo, conteúdos relacionados às edições avaliadas publicados nos sites da revista *Visão Júnior* e da RBE que acrescentem informações relevantes poderão ser considerados.

Os parâmetros utilizados como eixos avaliativos escolhidos são os desenvolvidos por Paul Mihailidis (2014). Ao defender a alfabetização midiática como um movimento educacional, ele estabelece cinco preceitos transversais, chamados por ele de 5 As, que proporcionariam uma abordagem mais reflexiva e inclusiva das tecnologias: Acesso (Access), Conscientização (Awareness), Avaliação (Assessment), Apreciação (Appreciation), Ação (Action). Partindo do pressuposto da impossibilidade de construir uma sociedade democrática sem acesso à informação, “os ‘As’ propõem a conscientização dos meios de poder, avaliação de como a mídia cobre eventos e questões internacionais e supranacionais, apreciação do papel da mídia na criação de sociedades civis e ação para encorajar uma melhor comunicação entre as divisões culturais, sociais e políticas” (MIHAILIDIS, 2014, p. 134-135).⁵

O eixo Acesso abarca tanto a tecnologia quanto a diversidade de informações que auxiliam a

⁵ No original: “The ‘5 A’s’ developed as a continuum—access to media, awareness of media’s power, assessment of how media cover international and supranational events and issues, appreciation for media’s role in creating civil societies, and action to encourage better communication across cultural, social, and political divides”.

subsidiar pontos de vista variados. Envolve perguntar a propriedade (origem, a quem pertence e quem controla a informação), como também quais as barreiras e os diferentes tipos de informação que podem ser acessados. Além disso, inquire se as tecnologias envolvidas alteram o acesso e também se ele é afetado por aspectos nacionais, étnicos, religiosos, raciais de gênero ou orientação sexual. A Conscientização (Awareness) envolve perceber “o significado das informações fornecidas em contextos sociais e cívicos maiores” (MIHAILIDIS, 2014, p. 137)⁶ – o sistema de valores e ideologias sobre os quais os conteúdos são construídos, o contexto em que a mídia afetaria tais valores, como estão representados aspectos sociais, políticos e econômicos, afirmações subjacentes e ideologias maiores presentes na mídia, além de limitações que ela estabelecerá para compreender a cultura.

Já a Avaliação engloba pensar no poder de participação da audiência, assumindo um papel de prosumer, tal como preconizado por Henry Jenkins (2016), a credibilidade das diferentes fontes envolvidas, a precisão dos códigos utilizados para levar a informação e os propósitos da mensagem. Na Apreciação, questiona-se de que forma os envolvidos se expressam e são ouvidos, os benefícios trazidos pela cultura digital, a informação produzida sob a perspectiva de quantidade, tempo gasto e valor conferido e a como a diversidade não é só contemplada como também compreendida e absorvida. Por fim, a Ação leva a discutir se a comunidade ganha centralidade no processo, de que maneira as vozes se fazem ouvidas nas ações, como o engajamento é materializado e, por fim, como a iniciativa analisada se relaciona com a capacidade de se responsabilizar pelas próprias ações, comportamentos nos espaços digitais, estando os envolvidos atentos uns aos outros (MIHAILIDIS, 2014, p. 145). Apresentadas as ferramentas metodológicas, é o momento de mergulhar nas águas do processo eleitoral lusitano para conhecer os livros mais fixos contemplados pelo Miúdos a Votos.

Literatura + mídia + política = democracia mais saudável

Para melhor compreender a linha de desenvolvimento do Miúdos a Votos, como elemento predecessor às duas cerimônias analisadas, será alçado um voo panorâmico pelas cerimônias finais das edições anteriores em informações compiladas pela RBE. Na primeira edição, finalizada em 2017, foi notória a baixa utilização de recursos midiáticos, especialmente os digitais, contando apenas com a cobertura institucionalizada da Visão Júnior e da Rádio Miúdos. As poucas fotos disponíveis dão conta de campanhas de papel, com cartazes e folhetos e performances teatrais. Em 2018, com um número maior de participantes, a cerimônia de premiação integrou as atividades da Feira do Livro de Lisboa. Ainda apresentou uma participação tradicional e performática por parte das crianças, mostrada em um vídeo editado de 7'44" de duração. A edição de 2019 trouxe consigo a adesão do ensino secundário ao projeto e uma maior utilização de recursos multimídia nas campanhas produzidas por crianças e adolescentes. A divulgação da final contou com vídeo editado de 2'53".

Com a pandemia de covid-19, o Miúdos a Votos de 2020 precisou adaptar uma série de procedimentos, incluindo o sistema de votação, que antes era presencial e em papel, passando a on-line e virtual. As alterações, por um lado, impactaram significativamente a participação (ver Infográfico 1), uma vez que era necessário ter acesso à internet e a uma conta Google para votar. Mas por outro, acelerou o processo de digitalização do evento. O número de ações criadas para plataformas digitais foi ampliado e, pela primeira vez, a cerimônia de anúncio dos vencedores, sem público presencial, foi transmitida na íntegra, via YouTube, ao vivo, com duração de 44'16". É válido ressaltar ainda o apoio de instituições de governo, com a atuação de representantes em todas as edições, e o protagonismo infantojuvenil, com a apresentação das cerimônias e outras participações feitas por crianças e adolescentes. Mesmo a edição

⁶ No original: “the meaning of the information provided in larger social & civic contexts”.

de 2020 contou com a condução da então atriz mirim Beatriz Frazão.

Infográfico 1 – Número de votantes de “Miúdos a Votos” (2016-2022)



Fonte: Pordata apud Visão Júnior (2022)

Os anos seguintes, a serem analisados em maior profundidade a seguir, repetiram algumas lições aprendidas, como a opção de voto on-line, o uso mais efetivo de recursos audiovisuais/informacionais e a transmissão ao vivo da apresentação dos resultados eleitorais. 2021, ainda marcado por um regime de aulas semipresenciais, encerrou a edição em uma live sem público, com oito alunos de uma escola básica de Lisboa. Nos moldes da edição anterior, foi introduzido o projeto e exemplos de como ele foi desenvolvido nas escolas participantes.

As crianças também apresentaram a novidade daquela edição – a cobertura da campanha eleitoral, contando com a adesão de vários alunos-repórteres, que tiveram a oportunidade de entender as diferenças entre um conteúdo de campanha e a informação jornalística. Dados consolidados pelos cinco anos de existência do Miúdos a votos foram explicados por Luísa Loura, representante da Pordata, incluindo a recuperação no crescimento do número de votantes (75.715 estudantes), o que denota o sucesso do retorno ao processo eleitoral presencial, somado agora à alternativa do voto eletrônico – herança do período pandêmico. Outra atração foi a demonstração de um escritor/ilustrador do processo de criação e construção de um livro. A cerimônia online contou ainda, como em todos os anos, com a participações de representantes de instituições públicas e privadas que apoiam a iniciativa - Ministério da Educação, Editora Booksmile, Comissão Nacional de Eleições, Pordata, Plano Nacional de Leitura – que dedicaram suas falas ao incentivo à leitura e à participação democrática além de serem os incumbidos de anunciar os três livros mais votados em cada categoria. A revelação dos números totais de votos por ciclos, apresentados em infográficos animados, também eram intercalados pelas campanhas eleitorais vitoriosas. O vídeo foi finalizado com uma apresentação artística dos alunos que da escola que sediou a premiação para homenagear o livro indicado em todas as categorias: *O príncipezinho*.⁷ A transmissão teve 504 visualizações e comentários bloqueados devido à lei estadunidense de proteção à individualidade da criança.

Já 2022 marcou o retorno dos espectadores presenciais e a transmissão ao vivo da final, via Facebook, com duas lives – a primeira de 1h39’36” e a segunda de 21’01”, com, respectivamente, 2.700 e 2.300 visualizações. Ao longo da transmissão, houve problemas de som e até suspensão do áudio pela plataforma por direitos autorais, o que irritou alguns internautas que acompanhavam a cerimônia online

⁷ O príncipezinho é a tradução lusitana para *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry.

a ponto de se manifestarem nos comentários.⁸ Foi preciso encerrar a live de evento e iniciar uma nova transmissão ao vivo para cobrir a cerimônia em sua totalidade. Cabe ressaltar que a revelação dos livros mais fixos foi a única transmissão integral e parte de um evento maior, tal como nas edições de 2018 e 2019, que contou com oficinas, palestras com os autores, mostras das campanhas realizadas nas escolas, entre outras atividades voltadas para crianças e adolescentes vindos de diversas regiões de Portugal.

A edição de *Miúdos a Votos 2022* iniciou a transmissão com apresentação presencial de alunos que mostraram suas estratégias de propaganda eleitoral e a palavra das organizadoras do projeto, Manuela Pargana, da RBE, e Cláudia Lobo, da Visão Júnior. Em seguida, foram apresentados, pela representante da Pordata dados relativos à participação dos estudantes e, depois, destacadas algumas campanhas eleitorais criativas em diversas escolas portuguesas, que variaram em diferentes formatos – cartazes, panfletagem, passeatas, manifestações artísticas e vídeos. Tal como na última edição, a apresentação dos três mais votados em cada seguimento foi apresentado por autoridades públicas e parceiros do projeto, intercalando-se, nesta edição, com apresentações presenciais de representantes de partidos formados para as eleições. O evento foi encerrado com duas apresentações relacionadas ao livro mais indicados em diferentes categorias, *O Diário de Anne Frank*, com uma performance artística e a exibição do trabalho de um partido que desenvolveu um jogo para divulgar o livro, cuja demonstração foi feita com a participação de João Costa, Secretário de Estado da Educação. Exposta a visão geral das atividades das cerimônias de revelação dos resultados nacionais, serão pormenorizados elementos relevantes detectados nos vídeos analisados, seguindo os parâmetros propostos por Mihailidis.

O acesso

Nesta dimensão, algumas diferenças são marcadas pelo período pandêmico, gerando uma gangorra de paradoxos. Do ponto de vista digital, o distanciamento imposto pelas restrições sanitárias impulsionou ações via plataformas digitais o que, em princípio, se colocou como uma barreira limitadora de ações (refletida na baixa participação de 2020), denotando o baixo acesso à internet, capacidade técnica restrita (registrar uma conta Google é tarefa simples). Todavia, o ajuste de estratégias do Ministério da Educação Português em 2021, na busca por promover maior inclusão digital (MARQUES, 2021), mostrou seus reflexos na 5ª edição do *Miúdos a Votos* que, apesar do regime híbrido,⁹ conseguiu recuperar sua curva de crescimento, alcançando o segundo melhor resultado em participações. A cerimônia de 2022 comemorou a consolidação do projeto, mas, por ter proporcionado uma nova frente de acesso online aos acontecimentos do evento, acabou por oferecer barreiras aos internautas pelas dificuldades em lidar com uma transmissão ao vivo. É interessante notar o crescimento em acessos – de 504 visualizações em 2021 para 2.700 em 2022.

Quanto à origem, pertencimento e controle das informações, nota-se um processo compartilhado: o evento é organizado pela Visão Júnior e RBE, mas só pode se concretizar se as crianças e adolescentes expressam seus gostos literários por meio das indicações. Elas mantêm esse pertencimento ao se

8 Diferente do YouTube, o Facebook não faz restrições para conteúdos infantis, partindo do pressuposto questionável e hipotético de que todos que acessam a plataforma declaram ter 18 anos ou mais. Para alguns países, é autorizada a conta a partir dos 13 anos, como é o caso do Brasil.

9 As escolas portuguesas tiveram suas aulas presenciais suspensas em março de 2020 e substituídas, entre abril e junho por aulas televisivas, transmitidas pela Rádio e Televisão de Portugal, somadas a lições online, organizadas a critério de cada escola. Parte do ensino Secundário retornou em maio. As ações revelaram a existência de uma assimetria no acesso, não só pela ausência de internet, mas também o número insuficiente de equipamentos eletrônicos por família. Em setembro, quando se inicia o ano letivo escolar no país, todos os níveis retornaram presencialmente, mas, com a alta no número de casos de covid-19 tiveram as atividades paralisadas novamente em janeiro de 2021. A abordagem do Ministério da Educação foi reajustada nesse momento, com distribuição de computadores e abertura de algumas escolas para filhos de profissionais que trabalhavam em serviços essenciais. Com a queda no número de casos, as aulas retornaram gradativamente – creches e 1º ciclo dia 15 de março, 2º e 3º ciclos em 5 de abril, secundário e superior no dia 19 de abril (MARQUES, 2021, p. 119).

organizarem em partidos para defender seus livros, sendo a informação controlada, ao logo do processo, pelas escolas, que incentivam e direcionam as atividades. Aspectos nacionais, étnicos, religiosos, raciais de gênero ou orientação sexual parecem não oferecer limitações de acesso, a não ser pela língua. O evento estendeu suas ações em 2022, inclusive, para escolas de outros países falantes do idioma ou que ensinam o português.

Conscientização e apreciação

Para compreender o processo de conscientização e as conseqüentes apreciações no Miúdos à Votos, é preciso pensar não somente do sistema eleitoral, mas também nos livros escolhidos e de que forma foram defendidos. Tal seleção revela não somente afinidades e influências, mas também preocupações que povoam a mente dos jovens portugueses. Há, ao menos, três pontos a serem destacados: 1) a reduzida indicação de autores da língua portuguesa; 2) a forte presença de best-sellers e ficções seriadas que deram origem a versões cinematográficas (e vice-versa); e 3) a recorrente frequência de livros sobre regimes totalitários, guerras e o holocausto. Do total de 74 livros indicados para participar do processo eleitoral em 2021 e 2022, 35 eram originários da língua inglesa, 24 da portuguesa e 15 de outros idiomas. A maior incidência de autores lusitanos e de outros países irmãos se concentra entre as obras infantis (18 livros em português contra 16 saxões e 11 oriundos de outras línguas), enquanto entre os textos mais voltados para o público juvenil, apenas seis são obras da casa de Camões. Pressupõe-se desses dados, por um lado, a forte influência midiática do mercado editorial entre adolescentes e, de outro, o papel da escola na difusão de autores nacionais entre os pequenos.

Mas o fato não é algo que passa despercebido pelos participantes do processo eleitoral. Na edição de 2022, em uma defesa apaixonada pela obra de Eça de Queirós, *Os Maias*, dentro de um debate realizado no palco da cerimônia, um aluno, aos 50'18" da transmissão, emitiu seu diagnóstico:

Os Maias são a constante busca pela identidade portuguesa que há muito foi perdida. E por isso surgem de maneira inóspita várias críticas, como por exemplo, *Os Maias* é extenso e desinteressante ou que apela ao incesto. Mas é pelo contrário, porque é na falta de coragem que a população tem para mudar de verdade é que essas críticas surgem. É por isso que *Os Maias* não são mais nem menos que um olhar concreto e cruel para uma sociedade decadente em que todos preferem ignorar e fechar os olhos. Temos que mudar. *Os Maias* tem que vencer para Portugal não se perder (MIÚDOS, 2022, sem paginação).

Dos 35 livros escritos originalmente em língua inglesa, 25 são best-sellers. Os 6 volumes da série *Harry Potter* figuram, alternadamente, do 2º ciclo ao secundário. O diário de um banana também é sucesso em todo o Ensino Básico. Outros best-sellers, inspirados em animações ou que deram origem a versões cinematográficas chamam a atenção: *Gravity Falls*, *After*, *A culpa é das estrelas*, *A distância entre nós*, entre outros. *After* conquistou o 2º lugar do Secundário e o 1º do 3º Ciclo em 2021, indo à 1ª posição entre os secundaristas na edição de 2022. Observa-se ainda uma disputa mais equalizada nos seguimentos finais, com pouca diferença entre os votos alcançados por cada candidato. Por outro lado, mesmo contando com uma diversidade maior de obras indicadas, ao olhar para os livros vencedores no 1º e 2º ciclos, nota-se o poder da obra midiaticizada/audiovisual na discrepância dos votos concedidos à *Gravity Falls* em relação aos demais (ver Infográfico 2).

Infográfico 2 – Resultado Miúdos a Votos 2021 – 1º ciclo



Fonte: RBE (2021)

Ao mesmo tempo em que esses dados reavivam os apontamentos de Nestór Garcia Canclini (1995) sobre o quanto o consumo de produtos culturais pode revelar mudanças do exercício da cidadania, também denotam o quanto a força de articulação dos fandoms pode extrapolar o entretenimento (JENKINS, 2009).

Por fim, o terceiro ponto destacado é a presença expressiva de livros com a temática de guerra, movimentos totalitários e holocausto – 8 no total, figurando entre os mais votados nas duas edições analisadas. Em 2021, no secundário, *O rapaz do pijama às riscas*¹⁰ ficou em 1ª posição, dividindo o pódio com *O diário de Anne Frank*, no 3º lugar, colocação que também ocupou na votação do 3º ciclo. A posição de Anne Frank se repetiu no ano de 2022 em ambos os seguimentos e alcançou também as crianças do 2º ciclo. A obra só não esteve entre os indicados do 1º ciclo nas duas edições. Dada a expressão das campanhas apresentadas, nota-se a maneira com a qual crianças e adolescentes estabelecem uma relação direta com o momento político europeu – a invasão da Ucrânia por tropas Russas e a preocupação com a deflagração de uma 3ª Guerra Mundial. Em uma performance apresentada ao vivo, no fim da transmissão de 2022, os adolescentes, com cartazes nas cores da bandeira ucraniana ao fundo e uma menina vestida de Anne Frank a frente, apresentaram uma poesia que explicita seus temores:

Anne Frank, uma linda menina, jamais será esquecida. Com a infância interrompida pela maldade vivida. Num campo de concentração viveu e muitas barbaridades sofreu. Passado algum tempo morreu e mais uma vida se perdeu. Só que seria vitoriosa, nesta guerra tão dolorosa: segredos e acontecimentos foram revelados e nunca mais serão apagados. Quase 80 anos depois, iniciou-se guerra entre dois. Com Ucrânia e Rússia a batalhar e as famílias a se afastar. Com Hitler e Putin ao poder, não conseguiremos sobreviver. Gases e bombas a aparecer e milhares de pessoas a morrer. Com uma terceira guerra mundial à porta, aparece cada vez mais gente morta. Por território e poder, tudo poderá acontecer (MIÚDOS, 2022, sem paginação).

Em outra inserção, um trabalho audiovisual realizado por uma adolescente sobre o livro 1984, uma sequência bem editada de vídeos de banco de imagem e referências pop, apresenta o reconhecimento do

10 O título em português brasileiro é *O menino do pijama listrado*.

lugar da obra na cultura contemporânea e relação com o momento político, associando ideias totalitaristas à campanha territorial russa (ver Imagem 1).

Imagem 1 – Frames da campanha 1984



Fonte: Visão Júnior (2022)

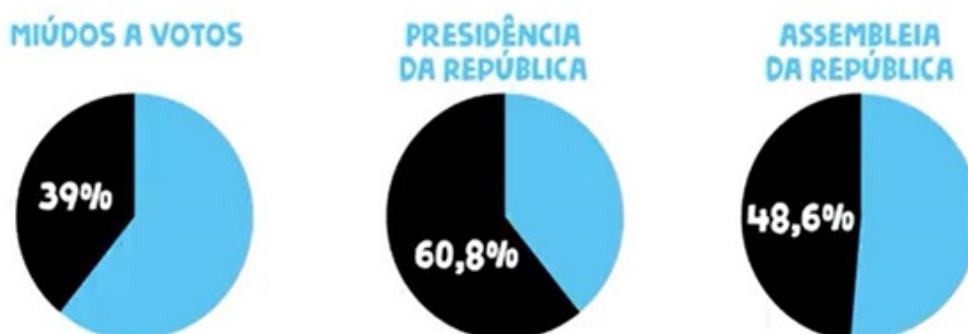
É interessante notar aqui o desenvolvimento, por meio do diálogo entre a experiência dos alunos e a literatura, o florescimento de uma visão crítica sobre o mundo que os rodeia, bem como seu posicionamento no processo histórico e cultural, tal como preconiza Paulo Freire (1968). Nesse sentido, a arte pode se tornar um elemento politizante que, no lugar de paralisar, emancipa o espectador ao provocar a revolta, mostrando coisas revoltantes, e mobiliza ao apresentar “sempre como evidente a passagem da causa ao efeito, da intenção ao resultado” (RANCIÈRE, 2014, p.52).

Avaliação e ação

Para medir a participação do público infantojuvenil, o quanto os códigos utilizados cumpriram os propósitos da mensagem bem como compreender se a comunidade ganhou centralidade e agência nesse processo, serão verificados alguns dados produzidos pela Pordata, apresentados nas transmissões. Também serão analisados elementos paratextuais, publicados no site da revista Visão Júnior após a transmissão da edição de 2022.

Já na 5ª edição do Miúdos a Votos, o Pordata chamava a atenção para o envolvimento de escolas e estudantes no projeto, apontando os baixos índices de votos brancos e nulos. Em 2022, o instituto deu um passo adiante, ao trazer dados comparativos entre os eleitores adultos portugueses e as crianças e adolescentes que votam nos livros (ver Infográfico 3). É válido acrescentar que, diferente do Brasil, o voto em Portugal é facultativo, o que torna ainda mais interessante o quanto crianças e adolescentes são mais motivados a exercer o dever cívico.

Infográfico 3 – Comparação de abstenções entre eleitores infantojuvenis e adultos



Fonte: Pordata in Visão Júnior (2022)

Para melhor compreender os impactos do Miúdos a Votos em seus participantes no que diz respeito ao incentivo à leitura e à cidadania, a RBE e a Revista Visão Júnior realizaram uma pesquisa com

281 professores. Nesse sentido, os docentes perceberam um maior incentivo à leitura, desenvolvimento de competências cidadãs e do espírito crítico de forma mais evidente que a evolução nas competências digitais, conforme apresenta o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Desenvolvimento dos alunos segundo os professores



Fonte: Visão Júnior (2022)

O gosto pela leitura (81,5%) é seguido pelas competências do âmbito da cidadania (75,8%), que seriam os dois principais objetivos do Miúdos a Votos. A melhora nas capacidades argumentativas é notada por 61,6% dos docentes enquanto a criatividade e o pensamento crítico são apontados por 57,3%. Apesar de ser notado por apenas 1 professor (0,4%) o progresso em competências digitais, nas manifestações espontâneas, foram mencionadas as “competências e literacias digitais” (MIÚDOS, 2022, sem paginação). Um bom exemplo foi demonstrado na final da edição de 2022: alunos do ensino básico desenvolveram um site para divulgar o livro O Diário de Anne Frank, com o contexto histórico, personagens da história e um game que emulava Pac-Man, no qual o jogador precisava não de frutinhas, mas se atravessar um labirinto para encontrar as respostas certas para perguntas sobre o livro.

Não é só sobre ler e votar

“Não percam essa energia e vejam como votar é divertido. Aqui estamos a falar de livros, mas poderíamos estar a falar de ideias. E todos nós sabemos do que gostamos e do que não gostamos”, recomendou Carla Luís, representante da Comissão Nacional de Eleições, às crianças e adolescentes presentes na cerimônia de encerramento da 6ª edição do Miúdos a Votos. O conselho traz ao projeto o que ele alcança para além da literatura – mais que histórias, as obras trazem consigo ideias, novas perspectivas, outros mundos vistos de diferentes janelas. “Tem muita gente aqui do primeiro ciclo a participar, tem muitas coisas importantes que podem fazer: os orçamentos participativos de escolas, os orçamentos participativos das autarquias... Vão à Câmara Municipal, à Junta de Freguesia e deem as vossas ideias. Participar não é só votar” (MIÚDOS, 2022, sem paginação). A orientação de Carla também expande a experiência para fora dos limites do processo eleitoral. As habilidades desenvolvidas no Miúdos a Votos fornecem ferramentas para fazer das crianças e adolescentes envolvidos protagonistas nos processos democráticos aos quais eles têm o direito de participar.

Tal como preconiza Dewey, os princípios da democracia têm sido levados à sério na educação portuguesa. O Miúdos a Votos é uma parceria público-privada que une a literacia midiática à política, mas não está sozinho neste cenário. Existem as aulas de cidadania, previstas no currículo, o orçamento

participativo escolar, que mobiliza os pequenos a pensar em projetos que visem o bem coletivo da comunidade... As frentes de ação, apesar de variadas, articulam-se como parte de um todo. Os exemplos aqui apontados do sistema de ensino português mostram ao Brasil (guardadas as devidas proporções socioculturais e econômicas) que para desenvolver uma literacia midiática e política efetiva, não bastam iniciativas isoladas e desconectadas (tal como Gabriela Borges e Márcia Barbosa diagnosticam em sua obra). São primordiais políticas públicas que pensem a educação como um investimento imperativo, tratem mídia e política de forma coesa e estratégica, como fluências necessárias para a vida em sociedade no século XXI.

Promover a inserção democrática de crianças e adolescentes exige conhecimento, mas também leveza e ludicidade, como ensina o *Miúdos a Votos*. Essa literacia expandida, que abrange os diferentes tipos de conhecimentos e saberes, em longo prazo, pode auxiliar na compreensão não só do processo eleitoral, mas também dos meios políticos primordiais para o exercício da cidadania.

Referências

BORGES, Gabriela; BARBOSA, Márcia Barbosa Silva. **Competências midiáticas em contextos brasileiros**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2019.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. **Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade de São Paulo, 1 a 6 de setembro de 2016.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Fundamentalismos, crise da democracia e ameaça aos direitos humanos na América do Sul: tendências e desafios para a ação**. Salvador: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2020.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos: Como as fakenews, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. São Paulo: Vestígio, 2019.

FERRÉS, Joan; PISCITELLI, Alejandro. Competência midiática. Dimensões e indicadores. **Lumina**, v. 9 n. 1, p. 1-16, jun. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2021.

MARQUES, Emília. Entre Brasil e Portugal: pensando a educação em tempo de pandemia. **Espaço Acadêmico**, s. v., s. n., edição especial, p. 113-124, jun. 2021.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIHALIDIS, Paul. **Media literacy and the emerging citizen: Youth, engagement and participation in digital culture**. Berna: Peter Lang, 2014.

MIÚDOS a Votos: “Quais os livros mais fixes?”. **Visão Júnior**, live no Facebook, 20 maio 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/397535968934619>. Acesso em: 7 jan. 2023.

MIÚDOS a Votos: Regulamento 2021-2022. **Redes de Bibliotecas Escolares**, sem data de publicação informada, 2021. Disponível em: [https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1194&fileName=210906_REGULAMENTO.pdf](https://www.rbe.mec.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=1194&fileName=210906_REGULAMENTO.pdf). Acesso em: 3

jan. 2023.

MIÚDOS a Votos – Resultados 2021. **Redes de Bibliotecas Escolares**, 2 jun. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-uf_usApbE&t=1205s. Acesso em: 5 dez. 2022.

O IMPACTO de “Miúdos a votos”, segundo os professores. **Visão Júnior**, Trust in News, Lisboa, 17 out. 2022. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/visaojunior/miudos-a-votos/2022-10-17-o-impacto-de-miudos-a-votos-segundo-os-professores/>. Acesso em: 3 jan. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

UNIÃO EUROPEIA. **Relatório europeu 2018: DigComp: The European Digital Competence Framework**. Luxemburgo: Publications Office of the European Union, 2018. Disponível em: <https://ec.europa.eu/social/BlobServlet?docId=20955&langId=en>. Acesso em: 4 dez. 2022.

UNIÃO EUROPEIA. Relatório projeto europeu TRANSLITERACY H2020 Research and Innovation Actions coordenado por Carlos Scolari. **Livro Branco**. Literacia mediática na nova ecologia mediática. Disponível em: http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL_whit_port.pdf. Acesso em: 4 dez. 2022

Jhonatan Mata é doutor em Comunicação na Ecopós, UFRJ/Blanquerna School Barcelona. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenador do grupo de pesquisa Sinestelas (UFJF), do projeto de extensão com interface em pesquisa Polijovem (UFJF/Fapemig), Coordenador do projeto Música para olhos e ouvidos (UFJF). Vice-coordenador do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA - UFJF). Conselheiro editorial das revistas Lumina (PPGCOM UFJF) e Correspondências & análises (Peru). Membro do Centro de Estudos em Música e Mídia (Musimid). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.

Sara de Moraes Bridi é doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF. Jornalista e mestre em Ciências Sociais pela mesma instituição. Integrante dos grupos de pesquisa Comunicação, Mídia e Cidadania e Sinestelas (UFJF). Sub-coordenadora do Projeto de extensão com interface em pesquisa Polijovem (UFJF/Fapemig). Bolsista Fapemig. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.